

A TEORIA SEMIÓTICA DE ROGER BACON NO OPUS MAJUS E SUA REPRODUÇÃO NA OBRA “O NOME DA ROSA” DE UMBERTO ECO

EMMANUEL NOBRE ANTUNES¹; MANOEL LUÍS CARDOSO VASCONCELLOS²

¹*Universidade Federal de Pelotas – emmanuel.n.antunes@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – vasconcellos.manoel@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Em 1980, Umberto Eco publicou *O Nome da Rosa*, um romance ambientado em 1327, no qual o frei Guilherme de Baskerville resolve uma série de mortes misteriosas num mosteiro beneditino (ECO, 2019). Segundo PRANG (2014), o livro pode ser lido de diversas formas, mas é, sem dúvidas, uma obra sobre semiótica, citando diversas vezes os filósofos medievais Roger Bacon e Guilherme de Ockham.

Roger Bacon, nascido por volta de 1214 e falecido em 1292, foi um importante pesquisador e filósofo, citou entre as “causas da ignorância” a influência da falsa autoridade, foi pioneiro na criação do método científico, sendo o primeiro a usar a expressão “método experimental” e, além disso, um dos mais importantes teóricos da semiótica medieval (BACON, 1928; BONI, 2000). Estima-se que ele tenha escrito em 1266, a pedido do Papa Clemente IV, sua principal obra: o *Opus Majus*, um compilado de suas principais ideias divididas em sete partes. E ao enviar a obra para o Vaticano, alguns pedaços foram perdidos por conta da longa rota e por ter sido enviada aos poucos (HACKETT, 2002). Porém, em meados da década de 70 num manuscrito, MS Oxford Bodl. 55, doado no século XVII à biblioteca de Oxford, foi descoberto o *De Signis*, uma parte perdida pertencente ao capítulo que trata da linguagem e do estudo dos idiomas. E as dúvidas sobre a autenticidade foram sanadas pela verificação do estilo distinto, pelo sumário do *Opus Tertium*, e pela comparação do conteúdo de outras obras. (FREDBORG et al., 1978).

No *Opus Majus* é feita uma argumentação a favor do estudo das línguas para compreender plenamente as Sagradas Escrituras e as filosofias grega e árabe, sem que haja corrupções. E uso prático da linguagem como ferramenta para difundir o cristianismo e combater o Anticristo (BACON, 1928; HACKET, 2002).

Bacon define o signo como sendo aquilo que ao ser apresentado ao sentido ou ao intelecto, designa algo ao próprio intelecto (FREDBORG, 1978). E de acordo com a leitura de HOWELL (1987) do *De Signa*, os signos (*Signa*) podem ser classificados em duas categorias: Naturais (*naturalia*) e ordenados pela mente e pela intenção (*ordinata ab anima et ex intentione*). Cada um tendo suas próprias subdivisões. Os símbolos naturais podem ter significado por inferência ou probabilidade, por configuração e semelhança, ou por causalidade (*effectus respectu suae causae vestigium*). Já os símbolos ordenados pela mente e pela intenção são classificados conforme a presença ou ausência de deliberação.

Em suma, o objetivo deste trabalho é facilitar a compreensão dos conceitos apresentados por Roger Bacon no *De Signis*, associando a categorização dos signos aos elementos de semiótica presentes na trama do livro *O Nome da Rosa*.

2. METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa foi de caráter bibliográfico. Foi feita uma busca pelas referências à semiótica medieval, especificamente de Roger Bacon, no livro de

Umberto Eco. Sendo basilar à investigação *O Nome da Rosa* de Umberto Eco, o *Opus Majus* de Roger Bacon e o artigo de Kenneth Howell *Two aspects of Roger Bacon's semiotics theory in De Signis*. Como auxílio da parte histórica foi utilizada a obra *A Companion to Philosophy in the Middle Ages* de Jorge Gracia. Além disso, também foram utilizados a tradução parcial do *Opus Majus* de Luiz Alberto De Boni e alguns artigos complementares.

3 . RESULTADOS E DISCUSSÕES

ECO (2019) não apenas cita Bacon, mas o demonstra. O próprio ato investigativo, como interpretação e associação de símbolos, é por si só uma demonstração da semiótica, por exemplo quando Guilherme de Baskerville avista pegadas de cavalo ao se aproximar do monastério, ele é capaz de deduzir que as pegadas pertencem ao melhor cavalo do estábulo, visto que quem o montou tinha pressa e saiu à trote. Ou seja, interpretação de um signo natural de causalidade e probabilidade.

Importante dizer, e interessante de saber, que Bacon não associa a relação de causa e efeito com a presença do observador, ela existe independentemente. O papel do observador se dá na associação do signo ao significante. (HOWELL, 1987)

Outro acontecimento notável no romance de Umberto Eco, é que o protagonista rejeita a possibilidade de suicídio ao saber que um dos mortos foi enterrado no mosteiro. Isso se dá pelo fato de suicidas não poderem ser enterrados em solo consagrado, conhecimento comum a qualquer devoto católico. Nesse caso é demonstrado um signo ordenado pela mente e pela intenção, convencional.

4. CONCLUSÕES

A semiótica de Roger Bacon se mostra valiosa para interpretar os questionamentos do livro *O Nome da Rosa*, que se mostra profundamente baconiano, explorando ideias de verdade, conhecimento e as limitações da interpretação.

E Roger Bacon é uma prova do rico pensamento medieval, que mesmo estando sempre atrelado ao dogma religioso, gerou discussões e pensamentos distintos. Essa pesquisa evidencia quanto conhecimento pode ter sido perdido por negligência, ou permanece intocado em bibliotecas universitárias. Mas o caso real do *De Signis* e o fictício do *O Nome da Rosa* trazem a esperança de que existem pessoas dispostas a procurar e divulgar tal conhecimento, estejam os manuscritos envenenados ou não.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACON, R. **Opus Majus**. Tradução de Robert Belle Burke. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1928.

_____. **Opus Maius**. In: BONI, Luiz Alberto de. Filosofia Medieval: Textos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

ECO, U. **O Nome da Rosa**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. 23^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

FREDBORG, K. M.; NIELSEN, L.; PINBORG, J. An Unedited Part of Roger Bacon's 'Opus Maius': 'De Signis'. **Traditio**, v. 34, p. 75–136, 1978.

HACKETT, J. Roger Bacon. In: GRACIA, J. J. E.; NOONE, T. B. **A Companion to Philosophy in the Middle Ages**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2005. p.616-625.

HOWELL, K. Two aspects of Roger Bacon's semiotic theory in *De Signis*. **Semiotica**, v. 63, n. 1-2, p. 73-82, 1987.

PRANG, C. The Creative Power of Semiotics: Umberto Eco's 'The Name of the Rose'. **Comparative Literature**, v. 66, n. 4, p. 420–437, 2014.